

ARTIGO

HORTALIÇAS E AGROECOLOGIA: UM CAMINHO PARA AS MICROPROPRIEDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA – BA

Wodis Kleber Oliveira Araújo¹

¹Professor Doutor do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana, Curso de Geografia. wodiskleber@bol.com.br.

RESUMO

Segundo o Censo Agropecuário do IBGE de 2006, foram contabilizados 4.553 estabelecimentos rurais menores que 1 ha, e dentro desse intervalo 2.436 chegam a ser menores que 0,5ha. Diante do diminuto espaço para produção de lavoura, a principal alternativa é o cultivo de hortas, acrescidas da agroecologia. Objetivamos com esse estudo, identificar as propriedades e sua localização dentro do município que são produtoras de hortaliças gerando mapas de uso do solo e de tipologias sobre as propriedades e sua organização de trabalho, comparando a estrutura fundiária concentrada típica das grandes e médias fazendas de gado que foram resultados dos processos de formação do município com a atual situação dos pequenos proprietários rurais frente ao tamanho de suas áreas de produção. A utilização do trabalho familiar na horta como uma alternativa as famílias camponesas para reduzir o trabalho pluriativo e ampliar a receita da renda das famílias envolvidas. Justificamos a importância desse trabalho em apontar alternativas para essas famílias de pequenos proprietários rurais e argumentar que a concentração fundiária é o maior entrave para a (re) produção do camponês e não as condições de clima e solos como foram apontadas e justificadas para que o semiárido feirense fosse ocupado por grandes propriedades rurais com mais de 500 ha.

Palavras-chave: Olericultivos; Agricultura familiar; Estrutura fundiária.

INTRODUÇÃO

O município de Feira de Santana está localizado numa faixa transitiva entre o litoral e o sertão – o agreste. Assim uma maior parte de seu território se localiza no semiárido baiano o qual desfavorece a produção de hortaliças, cultivos esses que requerem uma maior quantidade de água em relação ao milho ou feijão, cultivos típicos dos pequenos proprietários rurais municipais, mesmo tendo em sua parte semiárida a presença de um curso d'água perene, o rio Jacuípe. Todavia é justamente na parte, dentro do município, que é cortada pelo rio, que se concentram as maiores propriedades rurais, típicas das fazendas de gado, fazendo com que o Índice de Gini municipal seja superior a 0,750. Na divisão distrital, Humildes (distrito localizado na porção úmida do município) possui a maior concentração de hortas, em todas as escalas de área produtiva, como em variação de tamanho de relações de trabalho – do camponês ao patronal. Assim este trabalho faz parte do Grupo de Estudos Agrários (GEA) da Universidade Estadual de Feira de Santana; num desdobramento ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe no curso de doutorado em

ARTIGO

geografia com o tema central: A produção de hortaliças como alternativa para os pequenos proprietários rurais no município de Feira de Santana – BA; em uma fase inicial de pesquisa, tendo como área de interesse a geografia agrária do município e nesse caso específico, o cultivo de hortaliças. Objetivamos com esse estudo, identificar as propriedades e sua localização dentro do município que são produtoras de hortaliças gerando mapas de uso do solo e de tipologias sobre as propriedades e sua organização de trabalho, comparando a estrutura fundiária concentrada típica das grandes e médias fazendas de gado que foram resultados dos processos de formação do município com a atual situação dos pequenos proprietários rurais frente ao tamanho de suas áreas de produção.

A utilização do trabalho familiar na horta como uma alternativa as famílias camponesas para reduzir o trabalho pluriativo e ampliar a receita da renda das famílias envolvidas. Caracterizando o espaço rural municipal com destaque as hortaliças. Os procedimentos metodológicos adotados para esse estudo terão como base o levantamento de dados históricos, estatísticos e cartográficos, das questões envolvendo a estrutura fundiária e a produção de hortaliças que dará a base para a construção do corpo do trabalho apoiado ainda, nos censos agropecuários do município para fornecer respostas às formas e organização atual do espaço rural do município, enfatizando os horticultivos. A análise, o mapeamento dos dados e o levantamento cartográfico das áreas a serem pesquisadas, contribuirão para a construção de quadros e figuras, dos resultados das análises referentes ao tema pesquisado.

A pesquisa de campo acontecerá nas propriedades rurais que possuam alguma estrutura que demonstre o cultivo de hortas; nos distritos e suas periferias. Durante a amostragem serão questionados 10% dos imóveis (rurais, de cada distrito – baseado nos dados censitários do IBGE). Estes questionários terão o objetivo de estabelecer comparação, diferenciação e o comportamento das estratégias de produção das hortas do município. Associando estas informações com os dados obtidos pelo - INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), PMFS (Prefeitura Municipal de Feira de Santana), EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), SEAGRE (Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária), EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) – para compor o quadro do comportamento, organização e



ARTIGO

estratégias das pequenas propriedades do município de Feira de Santana, que cultivam hortas. Dentro dos procedimentos metodológicos estão as variáveis: análise estatística e cartográfica do município; estrutura agrária do município; tamanho das propriedades (menores que o módulo rural da região do município de Feira de Santana); indicadores sociais e econômicos dos proprietários das pequenas propriedades rurais; acesso à moradia na cidade e no campo; influência da proximidade de centros urbanos destacando a atração da cidade de Feira de Santana.

RESULTADOS PRELIMINARES

Esse trabalho demonstra e confirma que a estrutura fundiária do município é bastante concentrada, num modelo paralelo ao brasileiro, fazendo com que as pequenas propriedades rurais fiquem sujeitas a uma baixa produtividade, ou em muitos casos, a ausência de produção rural – num modelo tradicional (a associação do milho, feijão, mandioca – mesmo que para subsistência). Isso tem acarretado para as famílias que usam a terra como trabalho, uma busca cada vez maior de atividades pluriativas, já que a cidade (Feira de Santana) exerce uma atração significativa à população rural. Sendo suas propriedades de tamanho diminuto – segundo o IBGE, há propriedades no município de Feira de Santana menores que 1 ha – a produção de hortaliças em substituição aos cultivos tradicionais para esses pequenos produtores se mostra como uma melhor alternativa para manter a família trabalhando a terra e reduzindo a pluriatividades, uma vez que essa mesma cidade que atrai servirá como mercado de absorção de toda a produção de hortaliças. Entretanto a estrutura fundiária demonstra que a parte semiárida, mesmo possuindo cursos d'água ou lagoas não possui atividades produtivas voltadas a horta. Com isso justificamos a importância desse trabalho em apontar alternativas para essas famílias de pequenos proprietários rurais e argumentar que a concentração fundiária é o maior entrave para a (re)produção do camponês e não as condições de clima e solos como foram apontadas e justificadas para que o semiárido feirense fosse ocupado por grandes propriedades rurais com mais de 500 ha. Além disso, os distritos de Humildes e Jaíba, maiores produtores de hortaliças, se veem ameaçados pela presença constante e crescente de indústrias que se instalam e consomem áreas, antes produtivas, extinguindo as hortas familiares. Nos estudos



ARTIGO

preliminares a horta tem absorvido ininterruptamente a força de trabalho familiar mantendo a população rural trabalhando suas propriedades e se mantendo com a renda da terra.

ORGANIZAÇÃO AGRÁRIA E ESTRUTURA FUNDIÁRIA

A população rural encontra-se distribuída dentro de uma estrutura fundiária organizada num sistema de produção tradicional e de transição com predomínio de mão de obra familiar sobre a assalariada e mais de 90% dos estabelecimentos rurais de pequenas propriedades, onde suas principais atividades produtoras são o cultivo de mandioca, milho, laranja e fumo. E agropecuária, onde predomina a criação de gado de corte nas médias e grandes propriedades (ARAÚJO, 2002).

A agricultura tradicional predomina em todo o município em propriedades menores que 30 ha. Normalmente os pequenos lavradores plantam em roças de onde retiram sua subsistência, não contam com orientação técnica e nem com acesso à crédito agrícola.

A agricultura tradicional é aquela baseada inteiramente nas espécies de fatores de produção usados durante gerações pelos agricultores (SCHULTZ, 1965). Um exemplo deste tradicionalismo está nas técnicas de beneficiamento da mandioca (que vai do plantio até a transformação em farinha e subprodutos), no beneficiamento do feijão – a bata (a retirada da casca do feijão) e o moleque (o armazenamento ainda com a casca, na roça ou no quintal).

Entretanto este tradicionalismo sofre infiltrações de inovações rurais, entendidas como mudanças que transformam as formas tradicionais de ocupação e utilização do solo (DINIZ, 1986). Estas inovações podem ser entendidas de quatro formas: (1) pequena mudança no material utilizado ou adoção de um novo tipo de semente; (2) alteração nas práticas agrícolas sem mudança no material; (3) mudança de técnica de cultivo implicando a adoção de novos equipamentos e alteração nas práticas de cultivo; (4) mudança total do estabelecimento quanto à sua orientação agrícola.

No sistema de transição com base na exploração de plantas produtoras de raízes e tubérculos, em alguns casos a agricultura é semimecanizada. Quando se trata de áreas de mandioca, o preparo do terreno é mecanizado e o plantio e a colheita são manuais (SANTOS, 1996). Mesmo assim há o predomínio da mão de obra familiar e esporadicamente ocorrem trabalhadores sazonais, apenas na

ARTIGO

época da colheita. Em muitos casos a própria família é suficiente para suprir com a demanda do trabalho (OLIVEIRA, 1991).

O município de Feira de Santana não foge ao padrão usual da Região Nordeste e do Brasil, onde ocorre grande concentração de terras nas mãos de poucos proprietários e um percentual muito baixo distribuído para um grande número de produtores. Para medir o grau de concentração ou desigualdade de uma distribuição foi considerado o Índice de Gini apresentado no Quadro 1. O valor do Índice de Gini varia de zero a um. O índice zero indica uma perfeita igualdade da distribuição, enquanto 1 indica a concentração máxima.

Quadro 1. MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA. ÍNDICE DE GINI REFERENTE A DESIGUALDADE DA DISTRIBUIÇÃO DE POSSE DA TERRA – 1960 a 2006

ÍNDICE DE GINI							
ANO	1960	1970	1975	1980	1985	1996	2006
GRAU	0.778	0.812	0.813	0.818	0.830	0.812	0.832

FONTE: elaborado pelo autor com base no IBGE - Censo Agropecuário: 1960 – 2006.

O índice de Gini revela um desequilíbrio estrutural entre o número de estabelecimentos rurais e o tamanho da área ocupada por cada um destes estabelecimentos. A concentração de terras em poucas propriedades provoca distorções no quadro de estabelecimentos rurais onde a terra está demasiadamente concentrada na mão de poucos e um grande número de família com pouca terra para sua sobrevivência. A estrutura fundiária então será utilizada como base para explicar, dentre tantos outros fatores, justificativas para o processo da produção de hortaliças entre os agricultores familiares que possuem propriedades, menores ou igual a 1 ha, no meio rural do município.

AGRICULTURA FAMILIAR

Ao discutir agricultura familiar tentamos estabelecer os elementos que predominam no trabalho familiar nas atividades agrícolas produtivas (primárias e secundárias) que independe da família, e a maneira como esta responde aos estímulos econômicos, sociais e culturais presentes no contexto histórico em que são encontradas (SANTOS, 1984). Esta agricultura familiar desenvolveu-

ARTIGO

se em pequenas extensões de terras, utilizando tecnologias rudimentares e destinando a produção em grande parte para o autoconsumo.

A história mostra que a criação e recriação dos estabelecimentos de base familiar acompanhavam as oscilações da estrutura produtiva das grandes propriedades. Estas propriedades absorviam trabalhadores quando precisavam e dispensavam na redução da demanda de trabalho. Os estabelecimentos de base familiar serviam como reservatório de força de trabalho excedente. Entretanto em locais próximos a centros urbanos, a agricultura familiar organizou-se de forma diferenciada, os produtores possuíam vínculos mais fortes com o mercado (OLIVEIRA, 1986).

No município de Feira de Santana, a agricultura de subsistência, era praticada nas terras que não comprometessem a criação de gado, e os cultivos de fumo e algodão, em áreas periféricas ou menos férteis, por famílias pobres. Estas famílias, quase sempre agregadas, mantinham relações sociais, com os proprietários destas terras, altamente personalizadas, como o compadrio, o assistencialismo, a lealdade política, etc. À medida que a cidade crescia, maior era a demanda dos produtos de subsistência e sua comercialização no mercado local. Esta demanda força os proprietários de terras, visando maiores lucros, a destinarem maiores partes de suas propriedades a famílias agregadas, para o cultivo de produtos de subsistência voltados para o mercado.

Com número crescente de habitantes no município de Feira de Santana e sua organização espacial, cada vez mais se fazia necessária um aumento de produção, motivada pela demanda de consumo de um mercado próximo. O número de estabelecimentos rurais destinados à produção de culturas de subsistência também crescia muito mais pela fragmentação das propriedades do que pelo aumento da área.

Com base em entrevista preliminar citamos um exemplo significativo desse processo. No fim do Século XIX, os pais de Dona Crispina, com 16 filhos, adquiriram uma propriedade com 1500 ha. Após a morte dos pais ocorreu à divisão da terra em 16 lotes menores equivalente a 93.75 ha (primeira divisão). Cada membro constituiu uma família com mais de 10 filhos e, após a divisão da herança, esta terra se subdividiu em vários outros lotes menores (segunda divisão).

Entretanto, o que era de uma família, consanguínea ou não, passou a receber outras famílias que adquiriram lotes, por compra, ou outras formas de aquisição, transformando aquela propriedade

ARTIGO

inicial em uma colcha de retalhos. O resultado destas constantes subdivisões proporcionou ao Sr. “Manezinho”, bisneto de Dona Crispina uma destas famílias, uma propriedade de duas tarefas.

Nesta propriedade de duas tarefas “Seu Manezinho” tenta manter uma prole de 14 filhos (6 homens e 8 mulheres). Sendo a terra insuficiente, eles dedicam-se as mais diversas atividades agrícolas ou não. Eles trabalham em outras propriedades através da parceria, pagando pelo seu trabalho em produção, em casos muito raros o resultado da produção é paga em espécie. Este exemplo de fragmentação dentro de uma família pode ser entendido como uma estratégia de simples reprodução de uma família camponesa, como diz Ariovaldo Umbelino: “... a sujeição da renda da terra ao capital é o mecanismo básico do processo de expansão do capital no campo. Esse processo se dá quer pela compra e venda da terra, quer pela subordinação da produção camponesa” (OLIVEIRA, 1986, p. 13).

A terra continua insuficiente para garantir a sobrevivência desta família, necessitando uma complementação da renda como no caso da família de “Seu Manezinho”, onde as filhas mais velhas se ocupam em trabalhos domésticos na cidade – Feira de Santana e Salvador –, os filhos, nas agroindústrias e construção civil. Os filhos menores ocupam-se, com seus pais, das atividades relacionadas ao cultivo ou beneficiamento da produção (SANTOS, 1984; SANTOS, 1996).

Foi possível também observar, famílias que apenas residem em um espaço rural não executando nenhuma atividade agrária. A renda familiar é adquirida no trabalho na cidade e todos os membros desenvolvem atividades urbanas. Em alguns exemplos observados, as casas tinham sido construídas com a permissão do proprietário da terra, e seus ocupantes não desenvolviam qualquer atividade agrária, nem vendiam sua força de trabalho a este proprietário. A renda familiar é obtida em atividades urbanas e não-agrárias. Cabe explicar que tipo de relação acontece aqui. O mesmo caso é apontado em Schneider (2003).

Em Campanhola & Graziano (1999), os autores apontam a pluralidade como elemento chave para o desenvolvimento de atividades agrárias e não-agrárias, dentro e fora do estabelecimento rural e pelos quais diferentes tipos de rendimentos são recebidos. Esta estratégia inclui a busca por novos mercados em resposta à flutuação dos preços; a tentativa de redução de risco; mudanças no ciclo familiar e na dinâmica interna da família e possíveis e novas oportunidades de mercado.



ARTIGO

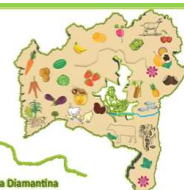
A facilidade como estas pessoas deslocam-se do campo para seus empregos na cidade deve-se a oferta de transporte coletivo, dos mais diversos, observada em todos os Distritos do município. Basta apenas visitar alguns pontos de transporte, para confirmar este fluxo de passageiros. A migração campo-cidade realiza-se na direção daqueles centros urbanos onde a criação de atividades e empregos é mais dinâmica. Esta facilidade de transporte faz com que estes filhos continuem residindo com os pais, nas terras de origem, mesmo após o matrimônio.

A reprodução destas famílias de micro e pequenos proprietários rurais estão no seu trabalho, e como diz Umbelino Ariovaldo, “deve ser visto como um trabalhador que, mesmo expulso da terra, com frequência a ela retorna, ainda para isso tenha que (e)migrar” (OLIVEIRA, 1986, p.11), garantindo assim sua reprodução. A herança produz a fragmentação, na reprodução destas micropropriedades. Entretanto para trabalhar a terra, assim como também mantê-la frente a demanda de produção, é uma tarefa árdua que pode resultar na perda desta propriedade ou em uma nova parcelização.

A PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS

A produção de hortaliças é uma atividade que quase sempre está presente em pequenas propriedades familiares, seja como atividade de subsistência ou com a finalidade da comercialização do excedente agrícola em pequena escala. Segundo Faulin (2004), a produção de hortaliças, tanto comercial como para a subsistência, possui um papel importante para a atividade agrícola familiar, contribuindo para o seu fortalecimento e garantindo sua sustentabilidade. Possibilitam também um retorno econômico rápido, servindo então de suporte a outras explorações com retorno de médio e longo prazo. Sendo assim, para EMBRAPA (2007), a produção e utilização das hortaliças é importante como alternativa para a agricultura familiar, tanto pelo fornecimento de nutrientes, como pela facilidade de adaptação a essa prática, principalmente por demandar mais mão de obra e menos área para o cultivo.

Apontamos como o principal vetor de consumo da produção as principais feiras-livres da cidade (ARAUJO, 2205), excetuando a CEASA e a Rua Marechal Deodoro, como os mercadinhos de



ARTIGO

bairro e as cidades vizinhas. O nicho de mercado da agroecologia é mais um vetor a ser explorado pelos produtores, para uma produção diária e de crescente demanda.

O município possui um cinturão verde instalado na sua franja urbana que muito se confunde com o espaço urbano. Nele as práticas de cultivos se dividem entre os mais diversos tamanhos de propriedades que usam suas forças produtivas, na horta, e visam os mercados consumidores (em escalas diferentes) de Feira de Santana e Salvador, especialmente, mas que não deixam de atender ao consumo das demais cidades vizinhas.

A principal questão é fazer com que os demais proprietários de terras que possuam 1 ha ou menos, deixem as práticas tradicionais de cultivares e sejam estimulados a olericultura. Um passo importante nesse aspecto é a agroecologia como alternativa, justa e social, para garantir a essa população o resgate do trabalho na terra, que em nosso caso específico, começa a mostrar sinais de decadência e impedir ou reduzir o trabalho pluriativo.

Ainda, propomos nesse trabalho demonstrar que o zoneamento das áreas produtoras de hortaliças, se especializam, obedecendo ao ordenamento da estrutura fundiária do município, que é conservadora e justifica-se por questões edafoclimáticas, para manter o modelo concentrador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

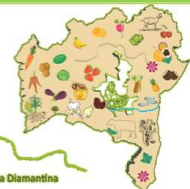
ALENCAR, C. M. M. de e SCHWEIZER, P. J. **Transformações territoriais: de rural a metropolitano**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

ANDRADE, M. C. **Agricultura e Capitalismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. **Espaço, polarização e desenvolvimento: uma introdução a economia regional**. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Geografia Econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

ARAÚJO, A. O. **Redes e centralidades em Feira de Santana (BA) – O centro de abastecimento e o comércio de feijão**. Salvador: UFBA, 2005. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências).



ARTIGO

ARAÚJO, W. K. O. **A (Re)produção da pequena propriedade rural no município de Feira de Santana – Bahia.** Salvador: UFBA, 2002. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências).

BIAZZO, Pedro Paulo. **Campo e rural, cidade e urbano:** distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. 4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP. São Paulo, 2008.

CAMPANHOLA. C; SILVA, J. G. **Projeto urbano.** Disponível em: < www.eco.unicamp.br/projetos/urbano.html >. Acesso em 2009.

Centro de Estatística e Informática. **Informações básicas dos municípios baianos: Região Paraguaçu.** Salvador: CEI, 1994.

COUTINHO, Maura Neves. **Agricultura urbana:** práticas populares e sua inserção em políticas públicas. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMG, 2010.

COUTO FILHO, V. A. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial: um olhar da Bahia sobre o meio rural brasileiro.** Brasília: MDA; Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COSTA, José Carlos da et. al. *O Projeto Hortas e Pomares Urbanos como alternativa para promoção do desenvolvimento sustentável na Cidade do Recife-PE.* **IX Jornada De Ensino, Pesquisa e Extensão (IX JEPEX) -UFPE.** Recife, 19 a 23 de outubro de 2009.

DINIZ, J. A. F. **Geografia da Agricultura.** São Paulo: Difel, 1986.

FAULIN, E. F. O. **Uso do System Dynamics em um Modelo de Apoio a Comercialização:** Uma Aplicação à Agricultura Familiar. São Carlos, 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos.

FERREIRA, Rubio José. **Agricultura na cidade do Recife-PE:** complementaridades rural-urbanas e dinâmica espacial. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFPE, 2009, p. 107.

FIBGE. **Censo Agropecuário. Bahia.** Rio de Janeiro: IBGE, 1950, 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1996, 2006.

FIBGE. **Diagnóstico geoambiental e sócio-econômico da Bacia do Rio Paraguaçu – BA. Diretrizes gerais para a ordenação territorial.** Rio de Janeiro: IBGE, 1993. (Serie Estudos e Pesquisas em Geociências, número 1).

FREITAS, N. B. **Urbanização em Feira de Santana:** Influência da industrialização 1970 – 1996. Salvador: UFBA, 1998. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo).

ARTIGO

HORTAS urbanas serão implantadas na região metropolitana do Recife. **Nordeste Rural**, 12 de maio de 2005. Disponível em: <http://www.nordeste rural.com.br/nordeste rural/matler.asp?newsId=2421>. Acesso em: 19 de março de 2012.

NEVES, Erivaldo F. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

OLIVEIRA, A. U. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Ática, 1986. (série princípios).

_____. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Caminhos da Geografia).

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

POPPINO, R. **Feira de Santana**. Salvador: Itapoá, 1968.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense. 1986.

SANTOS, José A. L. dos. **Implicações do pronaf na produção do espaço rural do município de Feira de Santana – BA (1999/2006)**. Salvador: UFBA, 2007. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências).

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana Cristina. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção: identificação e Caracterização de Iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas brasileiras**. Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas – REDE; IPES-Promoção do Desenvolvimento Sustentável, 2007.

SANTOS, J. V. T. dos. **Colonos do vinho: Estudos sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Hucitec, 1984.

SANTOS, L. S. (Org.). **Camponeses de Sergipe: Estratégias de reprodução**. Aracaju: NPGeo/UFS, 1996.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre, RS: Ed.UFRGS, 2003.

SCHULTZ, T. W. **A transformação da agricultura tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.



ARTIGO

SEAGRI. BAHIA. Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. **Bahia: cenários de uma agricultura.** Salvador: SPA/SEAGRI, 2001.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Os “novos mundos rurais” baianos.** Salvador: SEI, 1999. (Série Estudos e Pesquisas, 42).

SILVA, S. C. B. M., SILVA, B. N., LEÃO, S. O. **O subsistema urbano regional de Feira de Santana.** Recife: SUDENE – CPR, 1985.

SILVA, J. G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. **O novo rural brasileiro.** Campinas: UNICAMP, 1999. (Coleção pesquisa 1).

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização.** São Paulo: Contexto, 1988.

VALETTE, E. **A economia rural periurbana ou inovações em periferia: o caso de Montpellier.**

Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 5, N.8, p. 9-19, Mar. 2004.